


## Lupis e Jacalupis (Pepeptela em *topoi* agónicos)

 <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.3654>

Isabel Ponce de Leão

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa  
Portugal  
blepl13@gmail.com  
ORCID: 0000-0002-0680-9164

### Resumo

*A Montanha de Água Lilás* de Pepetela presentificando-se, com a simplicidade de um fabulário, é, antes de tudo, uma alegoria política e social condenatória da destruição dos recursos naturais e da exploração do homem pelo homem fruto de uma economia de mercado pautada pela ambição e o materialismo. Lupis e Jacalupis, impressionados pela riqueza fácil, fazem vingar a lei do mais forte e adulteram as leis naturais.

### Palavras-chave

Ecocrítica; fábula; símbolo; Pepetela

### Abstract

Pepetela's *A Montanha de Água Lilás* making itself present, with the simplicity of a fable, but it is, above all, a political and social allegory that condemns the destruction of natural resources and the exploitation of man by man as a result of an economy of market guided by ambition and materialism. Lupis and Jacalupis, impressed by the easy wealth, impose the law of the strongest and adulterate the natural laws

### Keywords

Ecocriticism; fable; symbol; Pepetela

Esse rio [Douro] morreu, deixou de ser rio para ser um lago artificial imenso, parado ou pasmado a meus pés, como cadáver que a morte dilatasse. O dinheiro dos homens, para se multiplicar, a troco da dar luz e energia ao mundo, pega no meu rio, que era branco e impetuoso como um toiro, e amansa-o em lago. Fez dele um boi no pasto ou uma choca no fim da toirada.

João de Araújo Correia

Se bem que em 1974, João de Araújo Correia, em *Pontos Finais*, tenha proferido a afirmação que tomo como epígrafe, manifestando preocupações com a vandalização / escravização da natureza a interesses económicos, neste caso o rio Douro, o termo ecocrítica só foi usado pioneiramente por William Rueckert em *Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism* (1978), e

apenas, em 1996, legitimado pela publicação do I Volume de *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology* em que é aceite como um ramo dos estudos literários, também graças ao advento dos estudos culturais. Numa abordagem ecocrítica, o antropocentrismo cede ao ecocentrismo chamando-se, ao contrário do que era hábito, a natureza silenciada a um primeiríssimo plano. Interessa agora o lugar exterior ao autor e a forma como ele regula a produção textual. A natureza passa a ocupar a posição de uma entidade condicionada e condicionadora que exige ser tratada com alguma parcimónia. Sobressai a relação do homem com a sua envolvência, numa situação de paridade que ultrapassa o mero compromisso de defesa do meio para, com assertividade, se tornar em ecocrítica podendo, contudo, sê-lo de forma profunda (*deep ecocriticism*) ou ficar pela mera alusão (*shallow ecocriticism*). Importa ainda a conexão do escritor com o mundo natural circundante, bem como com todos os seus elementos que se estendem desde a terra ao espaço celeste fazendo do seu próprio corpo ponto de partida. Acautelam-se também problemáticas identitárias que regem conexões extrínsecas, como são os casos – da família e do lugar.

Há, portanto, em qualquer abordagem ecocrítica uma perspectiva interdisciplinar que, partindo de interesses ecológicos, passa pelo ambientalismo, biopolítica, ecologia social, design sustentável, história, ideologia, psicologia, economia, cultura... sempre com o fito de operacionalizar mudanças. A ecocrítica distingue-se não só por uma postura ética que se compromete com o mundo natural, deixando este de ser mero eixo temático, como também pelo comprometimento com diferentes conexões a que não é alheia uma abordagem funcional. Será obrigação de toda a arte questionar, em termos morais, as interações homem / natureza também disciplinando o público à vivência dentro de limites toleráveis e obrigatórios, afastando-se da visão romântica do ambiente envolvente.

Visa, assim, a ecocrítica, qualquer produto cultural do homem (artes plásticas, literatura, cinema) e a forma como com ele e com o mundo exterior se relaciona, responsabilizando-o por heranças recebidas e legadas. Destarte, o referido produto estabelece conexão e fideliza-se aos lugares e espaços de onde provém. O contexto de produção e de receção prioriza-se e uma só metodologia serve as diversas disciplinas que a enformam.

Vêm estas considerações a propósito de *A Montanha da Água Lilás* do angolano Pepetela (pestana), pseudónimo de António Carlos Maurício Pestana dos Santos, tomado aquando da sua participação na luta armada pela independência (1969-1974), em que integrou a primeira delegação do MPLA que entrou em Luanda. Nascido em Benguela em 1941, aí fez os primeiros estudos. Em 1958 vem para Lisboa, frequentar o Instituto Superior Técnico; aqui desenvolve os seus interesses políticos e literários durante cerca de três anos, na ambiência propiciada pela *Casa dos Estudantes do Império*. Passa por Paris e

fixa-se na Argélia, onde se forma em Sociologia, e representa os interesses do MPLA no Centro de Estudos Angolanos de que foi cofundador. Regressado a Angola, exerceu altos cargos políticos e culturais, lecionando Sociologia na Universidade de Luanda e, sobretudo, entregando-se à escrita.

Muito justamente considerado um dos maiores escritores de língua portuguesa, foi amplamente *premiado*: Prémio Nacional de Literatura (1980) / Prémio Especial dos Críticos de São Paulo, Brasil (1993) / Prémio Camões (1997) / Prémio Prinz Claus, Holanda (1999) / Prémio Nacional de Cultura e Artes (2002) / Prémio Internacional da Associação dos Escritores Galegos (2007) / Prémio do Pen da Galiza Rosalia de Castro (2014) / Prémio Fonlon-Nichols Award da Associação Africana de Literatura (2015) / Prémio Correntes de Escrita (2020) e doutorado *Honoris Causa* pela Universidade do Algarve (2010). As suas obras são o retrato vivo de uma terra onde a conflitualidade aos níveis político, psicológico, social e ambiental prolifera, mas de onde não se ausentam as lendas, as tradições e toda uma cultura plena de africanidade. De forma crítica, nelas revisita factos históricos e problematiza a identidade angolana, sem esquecer mitos e tradições na sua formação. Aliando tradição e modernidade numa prosa tendente à poeticidade, explora o tempo e o espaço de forma não linear em obras como *Yaka* (1988), onde diz do quotidiano de um país em vias de desenvolvimento que reivindica a sua identidade numa perspetiva antropológica, *Parábola do Cágado Velho* (1997), em que fala “de um amor e de uma transgressão” recorrendo à ancestralidade e à memória, e, sobretudo, o que agora mais me interessa, *A Montanha de Água Lilás* (2000) onde se serve de um pseudo-fabulário para desnudar problemas ambientais gerados pela má gestão de recursos naturais. Qualquer das obras referidas sinaliza a vivência e a influência que o meio ambiente, no caso o continente africano, nele exerceu; daí a alusão feita ao seu percurso de vida.

Sempre que subo esta *Montanha de Água Lilás*, evoco o filme *Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos* (2018), produção luso-brasileira de João Salaviza e René Nader Messoria em que o jovem Ihajãc, indígena krahô da região de Tocantins, no norte do Brasil, ao ser visitado pelo espírito do pai, prepara uma festa de fim de luto. A cascata de água, a fauna diversificada e a exuberância da flora, poderiam ser cenário desta *Montanha de Água Lilás* se adaptada ao cinema. Naturalmente que os Krahôs de *Cantoria* são seres humanos, mas a sua conceção do universo – terra e água cobertas pelo céu – e a sua interação aos níveis político, social, psicológico e ambiental são similares aos destes lupis. Para além disso, há, nesta obra de Pepeptela, uma forte demanda visual que obviou a sua exitosa adaptação ao teatro e respetiva encenação por Natália Luíza.

Só aparentemente dedicada a um público mais jovem, ao título *A Montanha de Água Lilás*, Pepeptela apõe, cautamente, o subtítulo *Fábula para todas as idades*. E bem, porque se estes seres diferentes estimulam e encantam

o imaginário infantojuvenil, a verdade é que reivindicam também uma leitura metafórica da sociedade, sinalizando o poder corrosivo da riqueza e da liberalização da economia nas relações interpessoais e na degradação ambiental.

Pepetela transporta-nos a uma recôndita montanha africana habitada por seres que, não sendo homens, como eles se organizam em termos sociais, profissionais e comunicacionais. A normalidade desta sociedade é perturbada quando o lupi-poeta – e não é casual a sua “profissão” – estando no Morro da Poesia, o seu preferido, a tentar “lupilar um poema à beleza da Lua” (Pepetela, 2019, p. 45), ao faltar-lhe inspiração, “Desesperado, deu um pontapé numa pedra (...) e do sítio de onde saiu a pedra, brotou muito timidamente (...) um líquido lilás” (Pepetela, 2019, p. 45). Tal líquido, que começou a jorrar mais abundantemente, espalhava “Os odores de todas as flores” (Pepetela, 2019, p. 45). Agradavelmente perturbado, procura o lupi-sábio que, de imediato, convoca o lupi-kimbanda. Este leva algum líquido numa casca de maboque para o seu laboratório e, com os seus assistentes analisa-o nele descobrindo propriedades mágicas e curativas de diversas maleitas. Segue-se o desenrolar de uma prudente investigação científica – “Temos quase a certeza que tomar banho na água lilás não nos faz mal, lupi-lupi-lupi” (Pepetela, 2019, p. 55), – experimentada com êxito pelo lupi-cobaia.

Acabava de ser descoberto o elemento perturbador das normas convencionais de uma comunidade.

Ora a referida comunidade lupi vira, após a expulsão de rinocerontes que tinham invadido a montanha, nascerem uns seres que “chegavam rapidamente ao tamanho de um grande macaco” (Pepetela, 2019, p. 32); muito preguiçosos passavam “todo o tempo deitados a fazer jac-jac-jac com as bocas grandes” (Pepetela, 2019, p. 32); não lupilavam antes jacarejavam. Com isto a “sociedade lupi complicou-se bué” (Pepetela, 2019, p. 32) pois as características vivenciais e organizacionais dos seres eram distintas.

Tal como com os humanos e os animais, conta aqui a lei do mais forte e os jacalupis começaram a usufruir da descoberta da água, ocupando, com o seu tamanho desmesurado, o tanque que os lupis tinham erigido para a acondicionar, e dela poderem tirar o respetivo proveito. Iniciam-se as contendias; numa reunião no Cume do Sol, o visionário lupi-poeta propõe a resolução do problema através de cedências de ambos os grupos; enviam propostas de negociação pacífica da ocupação do espaço, pelo lupi-diplomata, que os jacalupis recusam pela voz do jacalupi-capitão: “Se destroem o tanque, nós destruimos a vocês, jac-jac-jac. Aos bocadinhos...” (Pepetela, 2019, p. 64). O lupi-contabilista, o lupi-comerciante e o lupi-armazenista reagem roubando a água o que faz com que os jacalupis, por motivos de subsistência, cedam aceitando a proposta do lupi-pensador: “De manhã tomamos nós banho e à tarde vocês (...) E o acordo foi respeitado” (Pepetela, 2019, p. 67).

A verdade é que a água lilás começou também a interessar a outros animais da planície, o que levou o lupi-comerciante e o lupi-contabilista a espreitarem uma oportunidade de negócio. E apesar dos lupis nunca terem "vendido nem comprado nada a ninguém" (Pepeptela, 2019, p. 82), aceitaram "embora muito confusamente, que se estava a fazer um progresso na História" (Pepeptela, 2019, p. 82); foi então o lupi-advogado encarregado de estabelecer uma economia de mercado baseada na troca de produtos. As excursões dos animais começaram a ser frequentes. Os lupis andavam distraídos com interesses vários e só "essa distração explica o muito tempo que teve de se esperar até a palavra turismo ser inventada" (Pepeptela, 2019, p. 85).

A aparente tranquilidade quebra-se quando a notícia corre e agora já não são só os herbívoros, mas também carnívoros de grande porte que "ofendidos e furiosos, porque não são aceites como clientes" (Pepeptela, 2019, p. 92) pretendem demandar o Morro da Poesia e usufruir das benesses da água lilás. Escolhem a hiena pelas suas astúcia, falsidade e aparente simpatia para intermediar tendo-se convertido no "*primeiro organizador de serviços secretos, embora os historiadores neguem essa evidência*" (Pepeptela, 2019, p. 93). Seduz os jacalupis com carne seca que, com o costumeiro apetite voraz, a apreciaram, para enorme consternação dos vegetarianos lupis. Mas estes, aos poucos, convieram que, porventura, tal não fosse tão nefasto pois assim sobraria mais fruta para a sua comunidade e, numa "reunião decisiva" (Pepeptela, 2019, p. 101), jacalupis e lupis acertaram na troca da água por carne ainda que só a comesse quem quisesse e tal parecesse "uma forma mitigada de antropofagia" (Pepeptela, 2019, p. 55). Alteram-se os hábitos e as modas na planície e são os jacalupis preguiçosos, vaidosos, materialistas que tentam ditar regras sociais e de mercado, só cedendo quando os lupis concordaram "fazer umas canalizações com bambus" (Pepeptela, 2019, p. 124) para que a miraculosa água descesse até à planície. Mas o problema está longe de ser resolvido. Leões e onças cobiçam a água lilás levando o lupi-adjunto a inventar um líquido nefasto que o milhafre despejou sobre os leões naquilo que foi "o primeiro bombardeamento aéreo da História" (Pepeptela, 2019, p. 134).

Com isto "Todos começaram a desconfiar uns dos outros" (Pepeptela, 2019, p. 134) e o "medo era pois muito grande" (Pepeptela, 2019, p. 135). Começada a guerra entre lupis, jacalupis e restantes animais, a paz só era conseguida através de armas e contra-armas. Os lupis são agora comandados e explorados pelos jacalupis e obrigados a construir vários tanques de distribuição de água por todos até que "A água lilás parou de sair dos dois furos" (Pepeptela, 2019, p. 153). Aquilo que tinha sido a grande descoberta, motivo de bem-estar, mas, sobretudo, de conflitos de interesses, ao desaparecer devolve a paz a parte da comunidade que tinha ficado no morro, sobretudo ao lupi-poeta que, finalmente, vê a sua inspiração retornar e a verte numa vasta produção que

contava “a estória dos lupis e da água lilás. Também da desgraça que se abateu sobre eles e o seu destino” (Pepetela, 2019, p. 155).

De facto, a singeleza da história tem uma abrangência profunda, evidenciando que foi criada uma economia de mercado, geradora da estratificação social e de uma díspar repartição da riqueza, que também causou uma manifesta degradação do meio ambiente. Tudo transmitido em tom alegórico e crítico sobretudo ao consumismo e à devassa não sustentável dos meios naturais.

Tal alegoria política e social presentifica-se em forma de “Fábula para todas as idades” (Pepetela, 2019, p. 3), segundo o autor, e demonstra as consequências perniciosas do esbanjamento de um bem comum veiculando problemáticas atuais, muito particularmente no que à gestão dos recursos naturais diz respeito.

Procedente da Índia, a fábula literária passou à Pérsia, à China, ao Japão à Grécia e a Roma tendo atravessada várias idades que, segundo Coelho (2009), são: a Antiga ou Primitiva (Índia e Grécia), a Média (Roma e Ocidente medieval e renascentista), a Moderna (do século XVII ao XIX) e a Contemporânea (século XX). Interessa-me a última em que se aceita, claramente, não só o protagonismo dos animais, como de outros seres não-humanos da natureza, como acontece com os lupis e os jacalupis, esses “estranhos seres cor de laranja (...) [que] pensavam e falavam e trabalhavam. Não eram homens, porque se chamavam lupis” (Pepetela, 2019, p. 25), e carregam consigo temas intrincados e antinómicos do momento atual. Mantendo códigos de conduta, de cognição e idiomáticos iguais aos dos homens, usam-nos como forma de atingir os comportamentos desastrosos da humanidade. Estando simbólica e culturalmente identificados – lupi-contabilista, jacalupi-capitão... – configuram, de forma caricatural e alegórica, emoções e modos humanos. Trata-se de vozes críticas que julgam a humanidade através de conotações várias que as suas falas assumem assim se tornando emblemáticas. Ultrapassando a dimensão do estereótipo, envolvem-se em termos emotivos e, partindo de uma ordem natural, alcançam a verosimilhança sem nunca deixarem de questionar, questionando-se, assim demandando um diferente cânone moral e ético na conexão homem / natureza. Presentifica-se uma moral que dá lugar à ética, porque todos os procedimentos negativos tendem a responsabilizar a sociedade concorde esta ou não com a moral vigente.

De facto, estes seres singelos que projetam as crianças na dimensão do fantástico são os mesmos que apontam o dedo à inconsciência da adultícia face à catástrofe ambiental que se vive.

Para tal, o autor mune-se também de um riquíssimo aparato simbólico. Detenho-me na água cujas simbologias “peuvent se réduire à trois thèmes dominants : source de vie, moyen de purification, centre de régénérescence. Ces trois thèmes se rencontrent (...) et ils forment les combinaisons imaginaires les

plus variés, en même temps que les plus cohérentes (Chevalier et Gheerbrant, 1973, p. 221).

Ora os temas aqui definidos estão presentes na água que corre n`A *Montanha da Água Lilás* sendo esta o elemento fulcral na alteração comportamental da sociedade de lupis e jacalupis. Por um lado, surge como fonte de vida, com poderes naturais para a purificação, propiciadora de uma vida melhor ao regenerar os seres a nível físico – “imediatamente as carraças e as pulgas diminuíram, diminuíram, e até desapareceram” (Pepeptela, 2019, p. 54) – e psíquico – “maior sentido de humor” (Pepeptela, 2019, p. 84). Jorra a água e a felicidade reina, momentaneamente, também porque “os odores de todas as flores estavam reunidos naquele cheiro único” (Pepeptela, 2019, p. 45). Por outro, ao instituir-se elemento de progressão de toda a diegese, o líquido torna-se objeto de ganâncias e assim escraviza os habitantes da *Montanha* onde, generosamente, tinha começado a brotar. Uma positividade inicial transforma-se em negatividade posto que seja a causa da destruição da sociedade de lupis e jacalupis que, ao utilizá-la de forma abusiva e ilícita, autodestroem-se e arruinam a natureza e outros seres vivos, instaurando a discórdia. Não será de todo descabido uma associação da água ao petróleo, uma das causas da ruína de Angola, e os seus poderes uma alusão às amplas riquezas naturais deste pobre país. De facto, a água é elemento perturbador de um quotidiano saudável simbolizando aqui, ao contrário dos ditames tradicionais, a destruição de uma coletividade.

Também a policromia suporta um aparato simbólico. “Estranhos seres cor de laranja” (Pepeptela, 2019, p. 25) viram-se rodeados de “água lilás” (Pepeptela, 2019, p. 46).

Ora “l’orangé est la plus actinique des couleurs (...) symbolise tout d’abord le point d’équilibre de l’esprit et de la libido (...) chose si difficile que l’orangé devient aussi la couleur symbolique de l’infidélité et de la luxure” (Chevalier et Gheerbrant, 1974a, p. 327). De coloração dionisíaca, lupis e jacalupis rapidamente se tornaram transgressores de um ideal de sensatez, equilíbrio e preservação dos valores naturais, deixando-se seduzir pelo consumismo e o desperdício. Mais os primeiros que os segundos, uma sua degeneração, foram arrastados pela luxúria que a água lilás poderia propiciar. A ambivalência da cor simboliza, muito justamente, a transformação social operada.

De igual modo o lilás, apontando, como aponta, para a lucidez e a reflexão, é uma cor alquímica e persuasiva conotada com o ciclo da vida, mas é também a cor da submissão e da obediência e, presentificando-se nas vestes de Cristo, evoca a sua paixão e a sua agonia ao tornar-se homem. Também a água lilás, fonte de vida, torna-se, pela ação de uma sociedade desgovernada por causas intrínsecas e extrínsecas, em fonte de destruição e morte de acordo com “le schème de l’ échange perpétuel entre ciel et terre par le mécanisme d’évolution

– ou ascension – suivi de l’involution – ou redescende.” (Chevalier et Gheerbrant, 1974b, p. 397).

A escolha destas cores, por parte do autor, longe de ser inocente, indicia os perigos a que qualquer sociedade está sujeita. O desequilíbrio e a instabilidade são, também através delas, insinuados e corroboram o pendor alegórico e metafórico dos espaços, da fauna e da flora na desconstrução paisagística e social.

Os seres que protagonizam esta fábula são, eles próprios, uma alegoria política e ecológica. São os homens que a fábula pretende atingir desnudando uma deficiente estrutura social que viabiliza dissemelhanças e arbitrariedades na repartição e na fruição de benefícios. Atinge-os também mostrando como decisões desastrosas põem em causa a coesão social.

Na fábula pepeteliana há um protagonismo geocêntrico; a montanha que, com o aparecimento dos jacalupis, tinha deixado “de ser o reino da harmonia” (Pepetela, 2019, p. 38), ao tornar-se numa potência de água milagreira e começando “a brotar em maior quantidade” (Pepetela, 2019, p. 45), cria, com o aumento de extração e consumo, uma administração opressiva cerceadora das liberdades individuais sobretudo daqueles que, considerados perigosos pelo seu pensamento conhecedor e sensato – caso do lupi-pensador e do lupi-sábio –, são ostracizados. A “tecnologia” dos tanques surge como inimiga da natureza e causa da sua perturbação.

Não é uma tragédia isolada, outrossim recorrente, que assola sociedades iníquas e autocratas seduzidas pelo materialismo ostentatório que, destruindo o ecossistema, se submetem às regras de uma economia de mercado esbanjadora e leviana.

Espaços e personagens insinuem o ambiente pós-revolucionário angolano – por isso acima aludi ao *locus* pepeteliano – contando com alguma ironia, a história de um país, digo do mundo, por metonímia.

*A Montanha de Água Lilás* é, antes demais, uma fábula moralizadora “para todas as idades” (Pepetela, 2019, p. 3), um grito de alerta à forma como o ser humano desconstrói e destrói os produtos naturais pois “Se virmos bem, em muitos lados pode ter uma montanha semelhante”. (Pepetela, 2019, p. 11). Ontem, como hoje – “Eu só escrevi aquilo que o avô nos contou, não inventei nada” (Pepetela, 2019, p. 11) – o saber vem de uma ancestralidade cauta e conhecedora dos desmandos da humanidade e demonstra como uma sociedade funcional – a funcionalidade possível aos terráqueos –, naturalmente respeitadora de idiossincrasias porque as há, se torna disfuncional quando descobre e desconstrói, por via de um consumismo e de uma destruição cegos, o que podia ser o garante de uma vida melhor.

Apetece ficar com Edgar Morin: “À la veille de mes 100 ans (...) je souhaite force, courage et lucidité. Nous avons besoin de vivre dans des petites oasis de



vie et de fraternité". É sobre a vida, em que a lucidez se ausentou, a fábula pepeteliana. Criemos oásis restaurando uma natureza agónica.

## Referências

Chevalier, J. et Gheerbrant, A. (1973). *Dictionnaire des Symboles*, vol. 2. Paris, Seghers.

Chevalier, J. et Gheerbrant, A. (1974a). *Dictionnaire des Symboles*, vol. 3. Paris, Seghers.

Chevalier, J. et Gheerbrant, A. (1974b). *Dictionnaire des Symboles*, vol. 4. Paris, Seghers.

Coelho, N. (2009). Fábula. In C. Ceia (Ed.), *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/fabula> [28.02.2021]

Evangelista, J. (1999). *Educação Ambiental: Uma Via de Leitura e Compreensão*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Garrard, G. (2004). *Ecocriticism*. New York: Routledge.

Mendes, M. C. (2020). No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica. *Anthropocenica. Revista de Estudos de Antropoceno e Ecocrítica* 1, pp. 91-104.

Morin, E. (2021, janeiro 1). *2021 : Edgar Morin espère que les forces "créatives" et "lucides" vont s'imposer face à la crise du Covid-19 même si elles sont "encore très faibles"* [entrevista]. Franceinfo: Culture. Disponível em [www.francetvinfo.fr](http://www.francetvinfo.fr) [01.03.2021].

Pepetela (2019). *A Montanha da Água Lilás*. Lisboa: Leya.